

A Literatura Vitoriana Inglesa é formada por um rico tecido imagético impregnado de motivos míticos e folclóricos que integram muitas das histórias destinadas às crianças. Animais falantes, como nas fábulas, e mundos maravilhosos de contos de fadas retornam nesse período através da escrita de autores como Lewis Carroll e James Barrie. Em 1862, viajando pelo rio Tâmisa a bordo de um barco, na companhia de três meninas, Lewis Carroll conta uma história de improviso para entretê-las. Alguns anos mais tarde, o autor opta por publicar sua história, fazendo com que a garotinha que se aventura em um país de maravilhas se integre ao imaginário britânico. Com base na visão popularmente mantida sobre *Alice no País das Maravilhas*, o presente estudo problematiza o encontro da personagem principal com o maravilhoso, como apresentado no universo ficcional de Carroll. Por meio dos encontros com as outras personagens, Alice insere-se em um jogo de sentidos, em uma espécie de quebra-cabeça filosófico pautado pelo *nonsense*, em uma jornada que modifica a protagonista a cada novo encontro. Através da distinção entre o estranho e o maravilhoso elaborada por Todorov, consegue-se estabelecer aspectos limítrofes da obra em relação a cada gênero. Embasamos nosso olhar sobre esse universo ficcional nos Estudos do Imaginário, tal como apresentados nas obras de Gilbert Durand e na teoria dos símbolos e arquétipos de Carl Jung. Ao final desta pesquisa, esperamos compreender o processo de individuação da protagonista e a relevância das imagens suscitadas pela obra.